

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO

Renan Santiago de Sousa¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Incluir, em sentido lato, significa, literalmente, colocar para dentro algo ou alguém que está do lado de fora. Nesse contexto, a educação inclusiva se constitui em um campo teórico e político que busca incluir sujeitos que, por diferentes razões, são excluídos, estigmatizados, desvalorizados, silenciados ou marginalizados dos diferentes contextos nos quais a educação se apresenta.

Durante algum tempo, educação inclusiva era pensada praticamente como um sinônimo de educação especial e, nesse sentido, apenas as pessoas com deficiência (PdD) eram vistas como sujeitos a serem incluídas nos cotidianos educacionais. Todavia, atualmente, a educação inclusiva torna-se mais ampla, refletindo criticamente também sobre outros temas, como a inclusão de grupos culturais socialmente excluídos, cotas, representatividade, justiça curricular, ecologia dos saberes, pedagogias decoloniais, entre outros temas. Em outras palavras, não são só pessoas que precisam ser incluídas, mas também seus saberes ancestrais, seus instrumentos musicais, suas pedagogias, seus modos de lidar com a vida... suas artes!

Essas artes ganham espaço cativo nas discussões sobre educação inclusiva não só por elas serem um campo de conhecimento escolar e universitário, mas também pelas potencialidades que a arte tem em reunir, em congregar, em harmonizar. Destarte, o dossiê apresenta contribuições práticas para as áreas da educação, das artes e da inclusão, reunindo textos que analisam questões concernentes a esses tópicos por meio de diferentes vislumbres teóricos.

Iniciando o dossiê, o texto *Ensino de instrumentos não ocidentais: reflexões decoloniais a partir da etnia Guarani Mbya e do candomblé Ketu*, de autoria de Renan Santiago de Sousa, indica que a inclusão alcança também discussões sobre instrumentos musicais, pedagogias de ensino de Música e repertório usado nas aulas. O argumento principal do texto é que determinados instrumentos

¹Doutor e mestre em Educação pela UFRJ. Mestre em Ensino das Práticas Musicais pela UNIRIO. Licenciado em Música pelo CBM-CEU e Licenciado em Pedagogia pela UNIRIO. É professor substituto de Metodologia do Ensino de Música na UFRJ e professor de Música no Colégio Anglo-Americano. Endereço para correspondência: Rua do Passeio, 98 - Lapa/Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20021-290. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2315-2077> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8733974403799472> .E-mail: holy_renan@yahoo.com.br

musicais, sobretudo os não ocidentais, possuem uma relação intrínseca com determinada espiritualidade ou cosmovisão, o que influenciaria, por conseguinte, o seu ensino. Sob um olhar decolonial e a partir de instrumentos musicais dos Guarani Mbya e do candomblé Ketu, uma metodologia para se ensinar instrumentos não ocidentais é proposta.

O artigo *Música e inclusão: ensino de música para estudantes com Síndrome de Down em um projeto na cidade de Teresina – Piauí*, escrito por Viviane da Cunha Neves, Hellyson Rodrigues Costa e Gabriel Lopes Nunes Ferreira, analisa o processo de aprendizagem de instrumentos musicais de jovens com Síndrome de Down, por meio de entrevistas autocríticas com dois professores de Música de um projeto teresinense. O artigo conclui indicando que esses jovens possuem total capacidade de aprender a tocar instrumentos, necessitando apenas de um processo de ensino e de aprendizagem mais amplo e de estratégias específicas para as especificidades do grupo.

Guilherme Moreira Dias, Tailane Pereira Lomêu Formoso, Lenilda de Matos Pinheiro, Ruth Maria Mariani Braz, Rejany dos Santos Dominick, Neuza Rejane Wille Lima e Dagmar Mello e Silva são autores do artigo *Um olhar sobre a acessibilidade do Museu da Dança*. No contexto de isolamento social propiciado pela pandemia de COVID-19, o citado texto apresenta e discute questões relacionadas ao portal virtual do Museu da Dança, identificando os recursos utilizados nas suas exposições virtuais para estimular a sensibilidade e apreciação da dança, e discutindo a questão da acessibilidade para os visitantes. A pesquisa indica que as exposições virtuais favorecem a inclusão de diferentes grupos socioeconômicos, mas ainda carecem de outros recursos inclusivos, como autodescrição e tradução em Libras, ainda não presentes em todas as exposições.

Fechando o conjunto de textos, o artigo *Arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega*, de autoria de Maria José Ferreira de Sousa Carvalho, analisa qualitativamente os resultados de uma oficina de Artes Visuais, que utilizou a tabela Feelipa em atividades com pessoas cegas da Associação dos Cegos do Piauí - ACEP, a fim de entender como tal arte auxilia no desenvolvimento cognitivo desse público. A pesquisa conclui que a pintura contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo de pessoas cegas, tendo em vista que a experiência propiciou novas aprendizagens, ampliou a sensibilidade e estimulou a expressão artística dos participantes.

Diferentes linguagens artísticas perpassaram o dossiê, contudo todos os textos são unânimes em indicar que ainda existe a necessidade de haver uma melhor preparação do profissional da educação que irá atuar nessa frente. Nesse sentido, esses textos tensionam a formação inicial e continuada de professores de Arte e explicitam que a inclusão em diferentes ambientes artístico-educacionais é urgente.

Que esses textos nos levem a pensar e agir inclusivamente!